

## MEDÉIA E JOANA NA SALA DE AULA

NADJA KAROLINY LUCAS DE JESUS ALMEIDA\*

### RESUMO

A leitura literária constitui-se como uma prática coletiva quando em sala de aula. Por tratar do homem em todas as suas instâncias, tal leitura põe em cena personagens que vivem em situações que podem ser experimentadas durante a leitura e/ou na vida real, tratando das diferenças, das semelhanças e dos relacionamentos entre o eu que lê, o outro que me fala (a literatura) e o mundo ao meu redor. Este trabalho, constituído pelas leituras de *Medéia* (Eurípedes) e de *Gota d'Água* (Chico Buarque e Paulo Pontes) em sala de aula, contempla análises feitas acerca do posicionamento da mulher na sociedade implicado pelos comportamentos de Medéia e de Joana em suas sociedades, que se mostraram fortes, humanas e sabedoras de seus direitos. Contempla, ainda, um rápido estudo do comportamento das mulheres na sociedade atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura, literatura, identificação, identidade, mulheres.

---

### Medéia and Joana in the classroom

### ABSTRACT

The literary reading consists of a collective action when in classroom. Since it deals with human beings in all their instances, such readings show characters that dwell in situations that can be experimented during the reading, and /or in real life, talking about differences, likeness and relationships between that “self” who reads and the “other” who tells us (the literature) and the world around us. This work which consists of the reading of *Medeia* (Eurípedes) and *Gota d'Água* (Chico Buarque and Paulo Pontes) in classroom, also presents an analysis focusing on women behaviour in society involved by Medeia and Joana behaviours in their societies. These women were strong, human and self-consciousness about their rights and identities. This work also comprises a short study of women behaviour in society nowadays.

**KEY WORDS:** reading, literature, identification, identity, women.

---

### INTRODUÇÃO

A leitura literária constitui-se como prática coletiva quando em sala de aula. Por tratar do homem em todas as suas instâncias, põe em cena per-

---

\* Professora substituta de Língua Portuguesa do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – Cepae - UFG. E-mail: karolalmeidago@yahoo.com.br.

sonagens que vivem em situações que podem ser experimentadas durante a leitura e/ou na vida real, tratando das diferenças, das semelhanças e dos relacionamentos entre o eu que lê, o outro que me fala (a literatura) e o mundo ao meu redor.

Como abordar a questão da produção cultural, da arte, da literatura e da mulher (como objeto de leitura e análise) em jovens que, certamente, foram “criados” diante da televisão, cercados pela imposição conservadora do homem como “provedor”, “dono do saber”, “ser superior” e “aquele que tudo pode por ser homem”, em uma sociedade ainda machista, mas em constantes mudanças e transformações em que a questão dos direitos, dos deveres e do “novo” posicionamento da mulher é uma realidade atual? Como trabalhar essa nova velha mulher dentro da literatura clássica e da literatura contemporânea selecionadas para este trabalho: Medéia em *Medéia* (Eurípedes, 2004) e Joana em *Gota d'Água* (Buarque e Pontes, 1976)?

Baseado no pensamento hermenêutico de Santos (1989) questionamos: como transformar o distante em próximo, o estranho em familiar, através de um discurso racional orientado pelo desejo de diálogo como o objeto da reflexão para que ele “nos fale” numa língua compreensível, nos tornando relevantes, nos enriquecendo e contribuindo para aprofundar a auto-compreensão do nosso papel na construção da sociedade ou do mundo da vida? E é a partir de nossa crença em uma literatura de intertexto, na medida em que ela se configura como um mosaico em construção, que tentamos estabelecer esse “diálogo” orientado pelo autor como objeto de reflexão dos educandos acerca da Literatura Clássica (*Medéia*), da Literatura Contemporânea (*Gota d'Água*) e do universo familiar no qual estão inseridos.

De acordo com o estudioso Candido (1995 apud Chiappini, 2005, p. 255):

Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador dessa *construção, enquanto construção*. [...] Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. [...] Esse seria o “primeiro nível humanizador”, ao contrário do que geralmente se pensa.

Ainda para Candido (1972, p. 804),

[...] há no estudo da obra literária um momento analítico, se quiserem de cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana. [...] Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.

Este trabalho, constituído pelas leituras de *Medéia* (Eurípedes, 2004) e de *Gota d'Água* (Buarque e Pontes, 1976), em sala de aula, por educandos dos 1º anos A e B do Ensino Médio no Cepae, entendendo-o por meio do discurso de Candido (1972) como literaturas que exprimem e formam o homem como ser individual e social, contempla análises feitas acerca do posicionamento da mulher na sociedade. Este é implicado pelos comportamentos de Medéia e de Joana, substancialmente inaceitáveis na Grécia antiga e, ainda, na sociedade atual (imagem negativa da mulher) por se mostrarem “contrários” à visão que se tem do “modelo” de mulher e, em especial, de mãe, que nos foi repassado. Medéia e Joana se mostraram fortes, humanas e sabedoras de seus direitos, e por que não, de seus direitos à ira e ao ciúme.

Para interdiscurso com essas literaturas foram utilizados, em sala de aula, artigos e notícias de jornais e de revistas, canções de Chico Buarque, o filme *Medéia*, de Pazzollini, e a obra crítica *Medéia – o direito à ira e ao ciúme*, de Olga Rinne. Foram propostos debates, “plantões de dúvidas” em sala, produções de textos, avaliações escritas e seminários.

#### JUSTIFICATIVA

Entendemos a literatura não só como obra escrita, pronta e acabada, mas como todo um processo de produção que envolve o emocional e o íntimo, o crítico, os aspectos sociais, culturais e políticos, o cotidiano, o “lá fora”, a vida de quem faz, de quem se deixa leve e delicadamente ser levado por ela (e por que não?) e de quem a toma para si (e se vê) a partir da produção de um outro que tantas vezes não vemos, não conhecemos, mas que carrega em si um pouquinho de cada um que se deixa envolver.

A literatura e a condição/posicionamento da mulher, mais especificamente da mulher da Grécia Antiga, Medéia, vista por Eurípedes (2004), e a mulher contemporânea, década de 70, Joana, vista por Buarque e Pontes (1976), claramente remontam a mulher dos dias de hoje.

Este trabalho justifica-se pela importância social e literária que apresenta: a visão de jovens adolescentes que se aproximam da leitura literária por ela mesma, pelos debates, pelas análises e buscas vigorosas do conhecimento dessas mulheres que soltaram e soltam ainda hoje um “grito de liberdade”, grito este não apenas voltado para as questões pessoais (a família, o amor, o abandono, o ciúme, a vingança), mas também para as condições sociais e políticas (a justiça, os direitos, os valores (machistas) impostos, o lugar no mundo a ser tomado, mesmo que pela ira).

Medéia e Joana trazem para a sala de aula as riquezas e agruras de seu cotidiano, trazem seus mundos e suas perspectivas em tempo e vida reais. O comum, o já sabido, o instigante e o que está por fazer.

Para Bordieri e Aguiar (1988 apud Faria, 1999, p. 83):

A atividade do leitor de literatura se exprime pela reconstrução, a partir da linguagem, de todo o universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito. A literatura, desse modo, se torna reserva de vida paralela, onde o leitor encontra o que não pode ou não sabe experimentar.

Afirmamos aqui que, por vezes, o leitor experimenta sim, na vida real, o que lhe é apresentado na literatura! O certo é que o texto literário de qualquer nível, faixa etária e/ou nível cultural é o mais propício para tratar de alguns temas transversais como os ligados à moral, à ética, às relações familiares, à manifestação de pluralidade cultural dentro e fora do país em que se vive, ao trabalho, às diversidades individuais e sociais e às linguagens. Faria (1999, p. 83) nos diz que o trabalho com o texto literário pode participar de uma preocupação maior dos PCNs: a abordagem de questões sociais urgentes, entre as quais a ética:

A questão central das preocupações éticas é a análise dos diversos valores presentes na sociedade, a problematização dos conflitos existentes nas relações humanas quando ambas as partes não dão conta de responder questões complexas que envolvem a moral e a afirmação dos princípios que organizam as condutas dos sujeitos sociais.

É nesta perspectiva qualitativa e de transversalidade que abordaremos e estudaremos a condição da mulher brasileira atual, baseando-nos nos comportamentos de Medéia e Joana.

#### LEITURAS DE MEDÉIA E DE JOANA

A história de Medéia nos leva a várias reflexões que se relacionam com o nosso presente no entender da nossa cultura. Rinne (1988, p. 105) afirma, por exemplo, em sua obra *Medéia – o direito à ira e ao ciúme*, que:

Todas as mulheres são atingidas, numa escala maior ou menor, pela falta da “valorização de si mesmas”, condicionada pela educação, e, por isso, sofrem muito mais freqüentemente do que os homens do sentimento de incompletude e do medo torturante da solidão e da falta de aconchego, quando não tem uma relação amorosa sólida. Elas acreditam muitas vezes que devem fazer um esforço adicional para, em troca, receber aconchego, segurança e dedicação do homem.

Rinne (1988) nos aponta, ainda, que uma mãe preferiria matar-se ou deixar-se matar a permitir que acontecesse algo aos próprios filhos. O infanticídio é a mais extremada transgressão a que uma mulher chegaria, o crime mais hediondo que praticaria. Teria tido o drama de Eurípedes, pergunta a autora, a mesma força se Medéia não fosse apresentada como infanticida?

A figura ambivalente de Medéia, continua a autora (1988), é o símbolo de um período de transição do matriarcado para o patriarcado. Da sua passagem ou rebaixamento de deusa da cura e da sabedoria para feiticeira poderosa, inteligente e ameaçadora, e, por fim, esposa ciumenta e infanticida, pode-se deduzir como a feminilidade e, acima de tudo, a feminilidade dotada de poder, foi desvalorizada e vista como demoníaca na mesma proporção do crescimento do poder patriarcal. Rinne (1988, p. 13-14) continua:

Estamos vivendo atualmente uma nova fase de transição, que prenuncia, com indícios não apenas destrutivos, mas também produtivos, uma virada no tempo também quanto à relação entre os sexos. A figura de Medéia é uma identificação ainda válida no momento atual; na apresentação de Eurípedes, ela simboliza o “aspecto sombrio”, portador de valiosas ener-

gias, que só podem ser liberadas, no ego de uma mulher, quando esta ousa olhar para o interior dessa escuridão e ir sem medo ao seu encontro; nas mais antigas tradições, ela surge como imagem oposta à mulher demasiado dócil e retraída criada pelo patriarcado, e símbolo da dignidade, sabedoria e competência femininas, que as mulheres atualmente procuram reconquistar.

Rinne (1988) acrescenta que os modos tradicionais de comportamento, de atitudes, de valores e normas educacionais, transmitidos através dos séculos de geração a geração continuam, por muito tempo, atuando no inconsciente, ainda que tenham perdido a força normativa e a validade no dia-a-dia, contradizendo as atitudes e intenções conscientes de um ser humano. O que acontece freqüentemente é que tudo aquilo, na nossa sociedade, que é tido como “tipicamente feminino”, como a brandura, a afabilidade, a condescendência, a ênfase no sentimento, é encarado como fraqueza, ao passo que, ao mesmo tempo, a mulher deve tolerar, sem protestos, a necessidade de liberdade do homem, tanto agora como antigamente. A educação põe diante da mulher a compreensão do outro, a repressão de suas próprias necessidades em prol da relação, o espírito de sacrifício e a capacidade de assumir compromisso, além dos mais elevados valores, enquanto ostenta, como virtudes superiores da vida masculina, a capacidade de se impor, a persistência (também em relação às próprias necessidades), a capacidade de se desligar e a independência.

Rinne (1988, p. 17) ainda coloca em questão o fato de que “a situação de Medéia, que renuncia a tudo para seguir seu herói, fazendo tudo para apoiá-lo em seus objetivos e vendo o sentido de sua própria vida em amá-lo, representa ainda hoje, a situação típica da mulher, sobretudo da mulher jovem”. É o que vimos, por exemplo, no texto “Correndo atrás dos bandidos” de Nelito Gonçalves (*Época*, 2005), que disserta sobre moças jovens que abandonam família, dinheiro, casa, em busca de uma paixão perigosa e que pode lhes custar a própria vida. A história de Medéia retorna a crítica, retrata o efeito destrutivo que a fixação no “grande amor” pode ter. Uma mulher que vê, no seu relacionamento amoroso com o homem um sentido exclusivo e o conteúdo da sua vida acaba de mãos vazias quando ele se devota a outra ou ela acredita não estar mais correspondendo aos ideais masculinos relativos à beleza e à atração sexual.

Conta Rinne (1988, p. 18) que:

Muitas mulheres sentem dentro de si a ira de Medéia quando a relação amorosa, razão de ser da sua vida, entra em crise; quando sofrem de ciúmes; quando começam a descobrir quem tira proveito do papel ideal da “feminilidade”, válido na nossa cultura, e quando sentem o quanto se haviam identificado com as imagens ideais masculinas sobre o “valor” da mulher, pelas quais elas deveriam ser, antes de tudo, bonitas, jovens e bem-sucedidas, ou maternais e cheias de espírito de sacrifício”. Justamente na metade da vida muitas mulheres se dão conta de que tem de se livrar desses “ideais” de feminilidade, se quiserem sobreviver como seres humanos.

O ciúme e a ira têm algo de letal, principalmente para o próprio ciumento. Este é um acervo de sentimentos negativos e torturantes: medo de perder o amor e a intimidade; inveja da maior liberdade e do sentimento mais forte de auto-valorização que se imagina que o parceiro ou rival tem; dúvidas sobre si próprio; sentimento de impotência, de dependência e da própria falta de valor. Na decadência da figura mítica de Medéia, afirma Rinne (1988), está refletido o processo da desvalorização e da falta de autoridade a que todas as mulheres e tudo o que era feminino estavam expostos na cultura patriarcal. Medéia certamente conhecia seus direitos, pois não é filha da sociedade sob cujas leis teria de viver e não aceitou seu destino como algo natural. Pergunta Rinne (1988, p. 75): “o que aconteceria com seus filhos, os filhos de uma assassina? Ela preferiu matá-los com suas próprias mãos. Seu crime foi tão monstruoso quanto as condições que vivia”.

É importante ressaltar que à mulher do patriarcado jamais era permitido manifestar ciúme, uma vez que este era sempre incômodo porque colocava em questão a prerrogativa masculina, a promiscuidade e, fosse ele expresso de maneira velada ou abertamente, era ignorado, repellido, severamente repreendido ou castigado. Só as mulheres “imprudentes” fazem cenas. O conselho tradicional para a mulher “prudente”, até o nosso século, é que reprima seu ciúme, tolere os “casos” do marido. Diz Rinne (1988, p. 77): “Quando na cena final da tragédia Jasão acusa Medéia de ter executado a sua terrível vingança por mero ciúme ela reage perguntando: “Creia que isto seja para uma mulher desgraça de pouca monta?”, e ele responde: “Para uma mulher sensata sim; para ti, porém, tudo é ofensa.””. As mulheres, entretanto, numa medida maior do que os homens, tendem a dirigir a sua agressão oprimida e reprimida de modo destrutivo contra elas mesmas; as conseqüências disso são graves depressões e o perigo de suicídio. Esta é, na nossa cultura, provavelmente a maneira mais comum de as mulheres

lidarem com suas agressões; elas as voltam para dentro, caem em depressão, destroem a própria energia vital e a si mesmas, afirma Rinne (1988, p. 92; 131). Este é, por exemplo, o caso de Joana, da obra *Gota d'Água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes (1976).

Diz Rinne (1988, p. 120-121):

A mulher experimenta sua capacidade através do homem e consome nisso as suas energias. Mas uma participação no poder do homem é sempre uma ilusão. Um mero sucedâneo da sua própria realização não alcançada. Por isso, a vingança encoberta das mulheres que transferiram a toda sua ambição para o homem consiste freqüentemente em insistirem em se tornarem dirigentes do destino deles. “Elas o forçam a ser sempre e em qualquer situação o herói”. Cada um responsabiliza o outro pela falta de equilíbrio e pelo vazio de sua existência; cada um acredita ter sacrificado ao outro as melhores oportunidades de sua vida e, desse modo, ambos se convertem em inimigos que constantemente se desafiam mutuamente e se combatem, embora não logrem livrar-se um do outro.

Só que quando a parceira reivindica sua gratidão e lhe mostra tudo o que fez acaba por despertar sua indignação, pois para o homem Jasão a nova amante é um enriquecimento na sua vida e, do seu ponto de vista, a relação com sua mulher também poderia continuar harmoniosa, se ela ao menos fosse “sensata”.

Assim, afirma a estudiosa Adélia Bezerra de Meneses (2001, p. 96) em sua obra *Figuras do Feminino na canção de Chico Buarque*, “a mulher intensa que é Joana da peça *Gota d'Água*, é a que, no confronto masculino-feminino, é a mulher que emerge como o ser forte. Há um confronto masculino /feminino, um embate rude, duro, contundente”. É o que pode ser depreendido neste trecho do diálogo Joana /Jasão:

**Joana:**

Pois bem, você  
 Vai escutar as coisas que eu vou lhe fazer;  
 Te conheci moleque, frouxo, perna bamba  
 Barba rala, calça larga, bolso sem fundo  
 Não sabia nada de mulher nem de samba  
 E tinha um puto dum medo de olhar pro mundo  
 As marcas do homem, uma a uma, Jasão,  
 Tu tirou todas de mim. [...]



Assim que bateu o primeiro pé de vento  
 Assim que despontou um segundo horizonte,  
 Lá se foi meu homem-orgulho, minha obra completa,  
 Lá se foi pro acervo de Creonte...  
 Aproveitador! Aproveitador!

**Jasão:**

Você é a viagem sem volta, Joana.  
 Agora eu vou contar, sem rancor, sem sacanagem,  
 Por que é que eu tinha que te abandonar.  
 Você tem uma ânsia, um apetite que me esgota.  
 Ninguém pode viver tendo que se empenhar  
 até o limite de suas forças; sempre, pra fazer  
 qualquer coisa. [...]
   
 pra você não há pausa, nada é lento, pra você tudo  
 é hoje, agora, já  
 tudo é tudo, não há esquecimento  
 não há descanso, nem a morte não há  
 pra você não existe dia santo  
 e cada segundo parece eterno  
 foi por isso que te amei tanto,  
 porque, Joana, você é um inferno.

O diálogo entre Joana e Jasão mostra a “luta” pelo poder, pela força, além de uma Joana no papel de Grande-mãe, iniciática, castradora, detentora do poder. Jasão, por sua vez, busca uma identidade só sua, longe dessa mulher abafadora e acolhedora. Jasão não tem identidade com Joana e Joana não tem identidade sem Jasão.

É importante dizer, entretanto, que uma mulher que sobrevive à morte de sua relação amorosa e sepulta esse relacionamento exclusivo com um homem muitas vezes surge, depois da fase de tristeza ocasionada pela separação, com uma nova personalidade que, com insuspeitada autoconfiança, desenvolve as suas capacidades e encontra novos caminhos para a autonomia. Ao prosseguir no seu caminho ela (essa mulher que sobrevive) não se enreda mais na crise existencial porque possui a força de que necessita para construir o próprio “reino”. É isso o que acontece à Medéia de Eurípedes, mas não à Joana, uma vez que esta personagem ainda apresenta uma característica simbólica e sociológica, pois se percebe que Joana pode representar o povo brasileiro e Jasão, que é compositor popular, ao aban-

doná-la, está renegando o próprio povo e passando para o “outro lado”, o lado dos donos do Poder.

Uma leitura analítica das protagonistas das tragédias, em sala de aula, é substancialmente importante para que possamos nos deparar com as comparações de pensamento e de perspectivas dos educandos, para que possamos entender que ‘linha de pensamento’ eles seguem, uma ‘linha’ emocional ou uma mais objetiva de um leitor totalmente externo, ou uma analítica dos fatores externos e internos que se interpenetram na obra. Também se pode perceber se os alunos se colocam no lugar das protagonistas e como elaboram seus discursos de concordância ou de contraposição com os colegas e/ou com o educador em sala.

#### METODOLOGIA

O “movimento” de ida e retorno que ocorre com os leitores de literatura, movimento este de exteriorização em que o “ser” experimenta um mundo novo e diferente, mas às vezes bem comum e familiar ao seu, e movimento também de interiorização a partir do retorno ao seu lugar de origem, o seu habitat, renovam aquele ser experimentador com o reconhecimento de outras realidades e a possível expressão de um novo sentimento que surge, o sentimento de identificação e de aproximação com o outro.

Ensinar a aprender, de acordo com Bagno (1998, p. 14-16):

É criar possibilidades para que uma criança chegue sozinha às fontes de conhecimento que estão à sua disposição na sociedade. [...] Se o professor abrir mão de seu papel fundamental de orientador da aprendizagem de seus alunos, estará se responsabilizando pelo que vier a acontecer com eles ao tentarem atravessar esse labirinto, que na verdade é um grande campo minado. [...] Ensinar a aprender então, é não apenas mostrar os caminhos, mas também orientar o aluno para que desenvolva um olhar crítico que lhe permite desviar-se das “bombas” e reconhecer, em meio ao labirinto, as trilhas que conduzem às verdadeiras fontes de informação e conhecimento.

Este processo, feito por meio de e pelas literaturas de Eurípedes (2004) e de Buarque e Pontes (1976), teve início em fevereiro de 2006 e se estendeu até junho do mesmo ano. Foram cinco meses de análises das obras literárias e, mais especificamente, de suas protagonistas Média e Joana e dos papéis que desempenham na sociedade, com o acompa-

nhamento de textos que fizeram e fazem interdiscurso com as obras e as protagonistas. São eles:

- a) *Briga de marido e mulher* – crônica de Fernando Bonassi, que trata desta relação e que foi transportada para a relação Medéia/Jasão e Joana/Jasão;
- b) *Jasão e os Argonautas* – texto retirado da Internet para uma leitura da questão histórica e da personagem Jasão;
- c) *Medéia de Pasolini, uma tradução desconstrutora* – texto de Ulysses Maciel de Oliveira Neto que aponta que Pier Paolo Pasolini põe em cheque os discursos historicamente estabelecidos como lógicos, os discursos que pretendem fixar e explicar;
- d) O filme *Medéia* de Pasolini, para análise e discussão após a leitura da obra clássica e do texto de Oliveira Neto;
- e) As canções *Cotidiano*, *Soneto*, *Sem açúcar*, *Olhos nos olhos*, *Você vai me seguir*, *Pedaço de mim*, de Chico Buarque, e, ainda, *Atrás da porta*, de Chico Buarque e Francis Hime, e *Angélica* de Chico Buarque e Miltoninho, para interdiscurso com *Medéia*, de Eurípedes, em um primeiro momento e, em um segundo momento, a análise das mesmas canções fazendo interdiscurso com *Gota d'Água*, analisando onde e como podem ser encontradas as vozes de Joana e de Jasão nessas canções (*Medéia* foi lida, claro, antes de *Gota d'Água*);
- f) *Correndo atrás dos bandidos*, texto de Nelito Fernandes (*Época*, 2005), e as reportagens *Veneno na pizza do ex*, *Mulher dá tiro de 38 no marido*, *Mais um recém-nascido é abandonado* e *Libertada acusada de matar jovem*, reportagens estas que trazem a mulher no papel de cegamente apaixonada, humana (inumana aos olhos da sociedade em que vive, na qual a mulher deve ser doce, forte e delicada) e violenta (a mulher que comete crimes) para interdiscurso com ambas as obras literárias;
- g) Fragmentos do livro *Medéia – o direito à ira e ao ciúme*, de Olga Rinne, que traz a mulher como ser humano que é, sua condição no mundo e seu direito (por que não?) à ira e ao ciúme;
- h) Os textos *Mães e filhos*, de Danuza Leão, e *Nada de menos*, de Miriam Leitão, que trazem a mulher-mãe, a mulher feminina, a mulher apaixonada e em pleno “exercício” de ser mulher, em uma crítica ao machismo atual;
- i) As reportagens do Jornal *O Popular* de Goiânia – Goiás: *IPTU – o imposto que vai desabrigar famílias*, *Cartilha revela direitos*, *Demora e prejuízo*, *Casas legalizadas*, *Povão atendido*, para interdiscurso mais direto com as questões sociais, econômicas e políticas presentes em *Gota*

*d'Água*, e, com o mesmo propósito, o texto *Solução final para a questão da miséria nacional*, de Fernando Bonassi;

- j) Por último, *Antecedentes da ação da Medéia*, de Mário da Gama Kury, *O que é Teatro, O que é Tragédia e Apresentação de Gota d'Água* para contextualização histórica com a literatura clássica e com a contemporânea por ambas se tratarem de peças teatrais trágicas.

Cada um dos textos, canções, reportagens, críticas, foram aprofundadamente lidos e amplamente discutidos em sala de aula, sendo que os educandos tomaram para si, meninos e meninas, os papéis de Medéia e de Joana, ora discordando, ora concordando, ora odiando, ora se apiedando e acreditando em suas ações como justas e cabíveis. Foram discutidos os porquês das seguintes ações: a tentativa de assassinato da amante/noiva dos maridos, o assassinato dos filhos e o suicídio (no caso de Joana), o desespero, o ciúme, a paixão, a ira, a vingança dessas mulheres. Foram também feitos debates sobre o que as levaram a tomar tais atitudes: o abandono e o desprezo dos maridos, a falta de respeito, a ingratidão, a traição, o “ser despejada” de sua morada (país estrangeiro, no caso de Medéia, e seu próprio lar por direito, no caso de Joana) e aí entra a questão de cunho social e econômico e a “lei do mais forte” no papel de Creonte de *Gota d'Água* – o Brasil da década de 70 e também o de hoje, tão parecido com aquele.

Foram feitos “plantões de dúvidas” entre os educandos-leitores que, em duplas ou em grupos de até cinco pessoas, debatiam e tiravam, entre si, dúvidas corriqueiras ou mais profundas sobre *Gota d'Água*. Apresentamos aqui algumas questões desses leitores: “Como era a personalidade de Creonte?”, “O que Jasão sente por Joana?”, “O que Egeu fez?”, “Jasão era realmente ‘gigolô’?”, “Por que Creonte não gostava do povo?”, “O livro *Gota d'Água* dá destaque à uma política social. Por quê?”, “O que levou Jasão a abandonar Joana?”, “Será que rejeição era o ponto mais fraco de Joana?”, “Jasão não amava sua família, estava cansado dela e por isso saía para se divertir com os amigos?”, “Será que Jasão realmente amava seus filhos?” e “Nos dias atuais, quem seria Jasão na sociedade brasileira? Qual seria o tipo de homem Jasão?”, entre outras.

Foi ainda elaborada, por nós, uma avaliação discursiva sobre *Medéia*, de Eurípedes. Para *Gota d'Água* elaboramos um roteiro com semi-temas afins para as apresentações de Seminários mais completos com os temas: Joana, Jasão, Creonte, Egeu, Coro (nesta obra representado pelos vizinhos e amigos de Joana e de Jasão), além do contexto histórico no qual

cada um e todos estavam inseridos. Foram propostas várias produções de textos e análises dos textos lidos e a redação: “Mulher: mãe, mulher e a condição feminina”.

A análise de dados a seguir foi realizada com alguns dos trabalhos recolhidos nos cinco meses de duração do projeto, com base em pesquisa qualitativa, que tem por princípio a elaboração e a análise hermenêuticas dos temas dados/abordados de acordo com o entendimento, o envolvimento, a contextualização sócio-cultural e a aproximação dos alunos com os trabalhos propostos, trazendo os seus saberes e opiniões prévios e/ou aqueles formados a partir das leituras e debates.

Para esta análise foram selecionadas algumas produções dos educandos. Teremos, aqui, contato com a nossa análise a partir de tais produções.

#### ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise de dados foram selecionadas cinco produções de textos solicitadas aos educandos, direcionadas às obras *Medéia* e *Gota d'Água*. As duas primeiras produções analisadas correspondem à redação solicitada em sala de aula com o tema: ‘Condição da Mulher: mãe, mulher e violência feminina’.

- a) Texto 1 (voz feminina): A partir do tema da redação e após apresentar seu discurso com a afirmativa de “é bom ser mulher e ter o prazer de colocar uma vida no mundo”, a educanda vai nos falar, em um discurso direto e indignado, dos preconceitos sofridos pelas mulheres, como não ter os mesmos direitos dos homens. Em seguida, esperava-se uma anunciação de tais preconceitos, o que a aluna faz, mas descarregando alguns conceitos que já fazem parte do discurso comum e cotidiano: homens podem ficar com várias mulheres e mulher não pode ficar com vários homens, pois será chamada de “galinha”, e mulher tem o salário mais baixo do que o do homem, mesmo desenvolvendo o mesmo trabalho. A partir daí inicia-se um discurso totalmente pessoal, emocional e pouco crítico, além de um tanto ingênuo, nas afirmativas de que “homens são safados” e “mulheres são santas”. A estudante termina afirmando, mas sem nenhuma convicção ou debate, que há exceções, uma vez que existem mulheres que

não são santas e nem todos os homens fazem essas maldades todas. Mas que maldades?

Texto com todas as bases para se tornar mais crítico e incisivo, mas permanece no lugar-comum, sem deixar de ser totalmente interessante.

- b) Texto 2 (voz feminina): Com o mesmo tema apresentado no texto 1, a produção textual se mostra em primeira pessoa, afirmando que a mulher é muito importante na sociedade e fundamental na vida do homem. Apresenta, também, um ideal de luta e liberdade: “nós mulheres temos que ser guerreiras”, porque os homens as maltratam, só pensam em si mesmos e são necessariamente apenas interessados em sexo. No tópico que se refere ao ser mãe, a mulher é tida como um ser de vida difícil, pois, uma vez mãe, corre o risco de um dia ser maltratada pelos próprios filhos. Em relação ao emprego, “a mulher sempre ganha menos que o homem, mesmo fazendo o mesmo trabalho”. É importante observar que, mais uma vez, o locutor apresenta tratamentos e discursos já repetidos pela sociedade, sem acréscimos de nada muito diferente, como sugere o tema.

Apesar de não seguirem o que realmente foi pedido no tema da redação, é interessante observar como o discurso da sociedade já está impregnado no saber de jovens mulheres adolescentes. Mesmo que sem análise ou crítica, elas apresentam o conceito afirmativo de que a mulher sofre na sociedade, e mais do que os homens, que talvez nem sofram.

- c) Texto 3 (vozes femininas sobre a questão do ciúme e da ira - Rinne): Refere-se à avaliação sobre a obra *Medéia*, feita em dupla e em sala de aula. O texto a ser analisado é uma das questões sugeridas na avaliação e foi elaborado por duas jovens adolescentes. A questão é:

A situação atual de Medéia, que renuncia a tudo para seguir o seu herói, fazendo tudo para apoiá-lo em seus objetivos e vendo o sentido de sua própria vida em amá-lo, representa ainda hoje a situação típica da mulher, sobretudo da mulher jovem. O “grande amor”, o casamento ou um compromisso semelhante, a dois, é para a maioria das mulheres o centro

da existência e absorve grande parte de suas energias, ainda que elas sejam bastante capazes de fazer um juízo crítico dos mecanismos dos papéis da nossa cultura. [...] Criticar agora a fixação no “grande amor” não significa dizer que as mulheres se tornem iguais aos homens, e devam pôr as relações humanas em segundo plano, depois do sucesso profissional, ou que devam cultivar uma sexualidade apartada dos sentimentos e recusar compromissos e renunciar a capacidades humanas tão importantes quanto a empatia e a compreensão dos sentimentos e necessidades alheias. Significa que as mulheres precisam livrar-se dos sonhos que, durante gerações, foram a compensação para sua real impotência e o seu nível inferior na sociedade. A história de Medéia retrata o efeito destrutivo que a fixação no “grande amor” pode ter. (Rinne, 1988, p.17)

Baseado(a) na fala de Rinne, fale da mulher atual como ser feminino e sua valorização ao amor e como ser que tem, sim (e por que não?) direito à ira e ao ciúme, e de exigir os seus direitos.

As educandas, em seu texto a partir da questão proposta, afirmam que “a mulher atual é bem diferente da mulher de outros tempos, ela não é mais vendida feito gado, não é mais escrava de seus maridos”. O texto prossegue com a afirmativa de que as mulheres já têm alguns direitos respeitados, mas que ainda não é suficiente. Continua afirmando e, assim, interagindo com a proposta de texto, relatando que as mulheres têm sim direito à ira e ao ciúme, a lutar por seus direitos, que se todas as mulheres tivessem tido a ira de Medéia, talvez a situação não seria essa (de preconceito, submissão etc.). Esclarece, com um dizer já típico na sociedade: “E nós não devemos sentir vergonha e realmente lutar, **porque parte da culpa talvez seja nossa**”. Esta última fala aproxima-se de um dizer popular que já ficou também impregnado no inconsciente coletivo e que afirma que os próprios negros têm preconceito contra a própria cor, que são racistas. É um discurso muito próprio do modelo de política neoliberal que afirma que “há oportunidades iguais para todos, mas só os realmente competentes se sobressairão”.

Apesar disso, o texto apresenta uma crítica bem mais embasada e menos solta, de cunho um tanto agressivo, que se mostra em um íterim de indignação e auto-reconhecimento.

d) Texto 4 (voz masculina – sobre Joana): É um trabalho de pesquisa solicitado para grupos de educandos, para ser apresentado

em forma de seminário, e tem como foco a personagem Joana, de *Gota d'Água*. O grupo de quatro participantes, duas meninas e dois meninos, apresenta uma introdução baseada em pesquisas no próprio livro *Gota d'Água* (apresentação) e na Internet e, depois, passam para uma análise do grupo acerca da personagem Joana e afirmam:

De acordo com nossa interpretação da peça, Joana tinha um gênio muito forte. Era uma mulher pobre, madura, guerreira, feiticeira, sofrida, mãe e apaixonada por Jasão, um sambista com quem era casada [...] Joana nunca aceitou o dinheiro de Jasão após o mesmo se envolver com Alma. Pedia que suas vizinhas ficasse, cuidando de seus filhos enquanto ia trabalhar. Atualmente a situação das mulheres brasileiras varia: há aquelas que agem como Joana, mas há aquelas que, devido a várias situações, aceitam o dinheiro do esposo que as traiu.

E continuam:

De certa forma, Joana sentia nojo dos próprios filhos, e os acusavam de serem traiçoeiros como Jasão. Mas não se pode negar que os amava, a ponto de matá-los para livrá-los do sofrimento e da miséria, e também para se vingar de Jasão. [...] Em suma, acreditamos que Joana amava e odiava os filhos, e amava realmente Jasão. Situação tipicamente humana, pois em muitos pontos os seres humanos são fracos e fortes e facilmente se deixam levar por coisas fúteis.

Quais são as coisas fúteis? Os sentimentos de amor e ódio, o marido e os filhos?

É perceptível a análise coesa e sem exacerbações emocionais dos educandos, análise clara e concisa, mas que não traz nada de mais aprofundado. Os alunos continuam o trabalho de pesquisa com “pontos de vista” de pessoas que discutem *Gota d'Água* no orkut, além de reportagens de jornal e revista, e finalizam assim:

Trabalhar com *Gota d'Água* foi uma experiência incrível para todos nós. Dificilmente encontramos uma obra grandiosa assim que trata a respeito do povo. Por isso, acreditamos que a trama citada, enquanto o ser humano existir, não acabará nunca, e sempre existirá uma Joana entre a população, por melhor ou pior que sucederem as situações.



- e) Texto 05 (voz feminina – poema sobre Medéia - livre): Não foi solicitado aos educandos, mas apresento, aqui, um poema livre feito por uma aluna que “se pôs na pele de Medéia”. A voz do eu-lírico que, por sua vez, se configura como voz de Medéia, apresenta a indignação feminina acerca do abandono, descaso e desrespeito apresentados pelo parceiro/marido que lhe jurou fidelidade. Leiamos, então, o poema:

*Medéia*

A minha alma ainda chora por ti  
 Meu coração acelera quando te sente  
 Me falta ar  
 Me falta você  
 Que a morte me traga alívio, e me arranque essa vida odiosa  
 Sofro, e não posso conter meus gritos de dor  
 A minha ira é violenta  
 Violam contra mim a fé jurada  
 Mortais sim mortal  
 Ouvem minha voz e meus longos gemidos  
 Gritos agudos sobre meus dolorosos infortúnios  
 E amaldiçoado é aquele que traiu meu leito  
 Que flagelo é o amor dos mortais  
 Meu coração não é um tirano  
 Não vê?  
 Mergulharei no coração uma lâmina afiada  
 Quem sabe assim as sombras desse amor vão embora  
 Quero que se arrependa amargamente  
 Minha boca não pode encontrar injúria  
 mais sangrenta para infamar tua covardia  
 Mas aliviarei meu coração fazendo-o me ouvir assim sofrerá  
 Sim, escutava meu coração mais que a minha razão  
 Espera... me aliviarei de todo temor  
 Fiz até inimigos para te agradar  
 Que ironia, mesmo assim me ignora  
 Seu corpo? Não era tudo  
 Estas mãos quantas vezes não segurastes  
 Estes lábios quantas vezes não beijastes  
 Nada mais tem significado para ti  
 Traidor  
 Esse amor, nenhum freio segura

Não deixa aos mortais nem honra nem virtude  
Acredite...  
Tudo é mentira  
É, eu sei você sempre me quis como ninguém  
Mas sei também  
que a única coisa que amou foi a si mesmo

Autora: Aline Vital dos Santos

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos à conclusão, após a análise de dados e de todo o trabalho desenvolvido em sala de aula, que todos os objetivos, discussões, debates sobre as condições da mulher na sociedade atual, posicionamento do leitor a partir da leitura de livros literários e como ele experimenta na vida real o que lhe é trazido pela leitura literária foram alcançados com bons resultados. Todos os alunos e alunas participaram dos debates, questionaram, se posicionaram social e culturalmente, alguns com vozes ainda abafadas pelas suas crenças, que são, na verdade, sociais, outros com vozes tão fortes e gritantes como as das personagens analisadas.

O que nos pareceu bastante interessante foi que, nas produções textuais como as que foram apresentadas aqui nos textos 1 e 2, as vozes femininas, que em princípio deveriam ser mais fortes nesses debates, se posicionaram num discurso de lugar-comum, habitual e sem nenhuma análise mais aprofundada ou tentativa de 'voz libertária'. O discurso é o discurso da cópia, com reclamações por vezes dolorosas e raivosas, mas sem nenhuma proposta de mudança.

Percebemos mais profundidade e embate crítico a respeito do assunto analisado nas vozes femininas do texto 3 e na voz masculina do texto 4, ainda que este último se mantenha 'sorratoiro' e em busca do entendimento do ser feminino como, antes de tudo, ser humano. O texto 5, por sua vez, se mostra na voz de um eu-lírico, Medéia, dona de sua própria voz e ira.

Sair do discurso comum e partir para um discurso de análise e 'embate' se faz com muito trabalho, debate, quebra de crenças preconceituosas e pré-estabelecidas. Trazer esse tipo de discurso, dito em voz feminina, a partir de obras literárias como *Medéia* e *Gota d'água*, é não apenas aproximar os alunos da literatura, como também permitir que eles, a partir das leituras

literárias, se afigurem como pessoas que fazem parte dos processos sociais e históricos trazidos nos livros e bons representantes da realidade, aproximando literatura e leitores e estabelecendo um diálogo de reconhecimento individual e social inserido no contexto do qual todos nós fazemos parte.

#### REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *Pesquisa na escola – o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1998.
- BUARQUE, C. e PONTES, P. *Gota d'Água*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- CANDIDO, A. *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: SBPC Ciência e Cultura, 1972.
- CHIAPPINI, L. *Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino*. São Paulo: Cortez, 2005.
- EURÍPEDES. *Medéia*. Tradução de Miroel Silveira e Junia Silveira Gonçalves. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- FARIA, M. A. *Parâmetros Curriculares e Literatura: as personagens que os alunos realmente gostam*. São Paulo: Contexto, 1999. (Série Repensando o Ensino)
- MENESES, A. B. de. *Figuras do feminino na canção de Chico Buarque*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- RAMAL, A. C. *Pedagogia em tempos de crise. O pensamento de Pedro Poveda*. São Paulo: Loyola, 1996.
- RINNE, O. *Medéia – o direito à ira e ao ciúme*. Tradução de Margit Martincic e Daniel Camarinha da Silva. São Paulo: Cultrix, 1988. (Coleção A magia dos mitos)
- SANTOS, B. de S. *Introdução à uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

Recebido em: 03 mai. 2007

Aceito em: 21 set. 2007